

*para a renata*

*e*

*para o michel l.*



*acabou o tempo de lembrar  
choro no dia seguinte  
as coisas que devia chorar hoje*

[do bilhete amarrotado de Odonato]



– ainda me diz qual é a cor desse fogo...

o Cego falou em direção à mão do miúdo que lhe segurava o corpo pelo braço, os dois num medo de estarem quietos para não serem engolidos pelas enormes línguas de fogo que saíam do chão a perseguir o céu de Luanda

– se eu soubesse explicar a cor do fogo, mais-velho, eu era um poeta desses de falar poemas

com voz hipnotizada o VendedorDeConchas acompanhava as tendências da temperatura e guiava o Cego por entre caminhos mais ou menos seguros onde a água jorrante dos canos rebentados fazia corredor para quem se atrevia a circular por entre a selva de labaredas que o vento açoitava

– te peço, vê você que tens vistas abertas, eu estou sentir na pele, mas quero ainda imaginar na cor desse fogo

o Cego parecia implorar numa voz habituada a dar mais ordens que carícias, o VendedorDeConchas sentiu que era falta de respeito não responder àquela dúvida tão concreta que pedia, numa voz de carinho, uma simples informação cromática,

embora difícil e talvez impossível

o miúdo puxou de dentro de si umas lágrimas quentes que o levassem até à infância porque era aí, nesse reino desprevenido de pensamentos, que uma resposta florida poderia nascer, viva e fiel ao que via

– não me deixe morrer sem saber a cor dessa luz quente

as labaredas gritavam com força e mesmo quem fosse cego de ver devia sentir uma sensação amarela de invocar memórias, peixe grelhado com feijão de óleo de palma, um sol quente de praia ao meio-dia, ou o dia em que o ácido da bateria lhe roubou a animação de ver o mundo

– mais-velho, estou a esperar um voz de criança para lhe dar uma resposta

vista de perto ou de longe, a noite era uma trança em negrume e clausura, a pele de um bicho noturno pingando lama pelo corpo, havia estrelas em brilho tímido no céu, torpor de certa maresia e as conchas na areia a estalar um calor excessivo, corpos de pessoas em cremação involuntária e a cidade, sonâmbula, chorava sem que a lua a aconchegasse

o Cego tremeu os lábios num sorriso triste

– não demora, candengue, a nossa vida está quase grelhada

as nuvens longe, o sol ausente, as mães gritando pelos filhos e os filhos cegos não viram a luz fátua dessa cidade a transpirar sob o manto encarniçado, preparando-se para receber na pele uma profunda noite escura – como só o fogo pode ensinar

as línguas e as labaredas do inferno distendido numa caminhada visceral de animal cansado, redondo e resoluto, fugindo ao caçador na vontade renovada de ir mais longe, de queimar mais, de causar mais ardor e, exausto, buscar a queima de corpos em perda de ritmia humana, harmonia respirada, mãos que acariciavam cabelos e crânios alegres numa cidade onde, durante séculos, o amor tinha descoberto, entre brumas de brutalidade

um ou outro coração para habitar

– mais-velho, qual era mesmo a pergunta?

a cidade ensanguentada, desde as suas raízes ao alto dos prédios, era forçada a inclinar-se para a morte e as flechas anunciadoras do seu passamento não eram flechas secas mas dardos flamejantes que o seu corpo, em urros, acolhia em jeito de destino adivinhado

e o velho repetiu a sua fala desesperada

– me diz só a cor desse fogo...

Odonato escutou a voz do fogo

viu-o crescer nas árvores e nas casas, lembrou-se das brincadeiras em criança, o fogo era feito com belos traçados de pólvora roubados na venda do padraço, desenhos labirínticos em fina quantidade, no chão, um fósforo depois incendiando a perigosa brincadeira até que, um dia, por curiosidade e determinação, decidiu experimentar um pequeno carreiro na palma da mão esquerda. sem hesitar, acendeu a pele e a dor – era essa a marca que agora acariciava enquanto um fogo maior consumia a cidade numa gigantesca dança de amarelos a ecoar no céu

o fogo urrava

Odonato já não tinha força para desenhar nos lábios um gesto mínimo de espanto ou o que fosse um vulgar sorriso, a temperatura chegava-lhe à alma, os olhos ardiam por dentro

chorar afinal não tinha que ver com lágrimas, antes era o metamorfosear de movimentos internos, a alma tinha paredes – texturas porosas que vozes e memórias podiam alterar

– Xilisbaba... – olhou as suas mãos mas não as viu.  
– onde estás, meu amor?

no 1.º andar do prédio, Xilisbaba tinha o corpo encharcado de água para se proteger do fogo, respirava com dificuldade e tossia devagar como se não quisesse emitir ruídos

na mão apertava um pequeno pedaço de sisal, imitando aquele que o marido tinha atado ao seu tornozelo esquerdo, o suor e os movimentos de Xilisbaba

desfaziam a corda em fiapos empapados que depois lhe cobriam os pés, os demais olhavam para ela guiando-se pelos ruídos e pela imagem ondulante dos seus cabelos

lá fora, gritavam vozes humanas

as mãos das mulheres atraíram-se, gesto delicado, quase secreto, mais para dividir receios que temperaturas

MariaComForça sentiu que devia invocar outras forças para aplacar as lágrimas da comadre

no rosto de Xilisbaba as lágrimas escorriam em caudais regulares, MariaComForça buscou olhar o seu rosto, adivinhou-lhe os traços – escarpas de sal –, pressentiu-lhe a tristeza pelo ar libertada, quis tomar-lhe o pulso mas o bombear do coração de Xilisbaba, pensando no marido isolado no topo do prédio, era apenas um silencioso murmúrio de veias

– Maria... quero ver o meu marido uma última vez... para lhe falar as coisas que uma pessoa cala a vida toda

a mão de MariaComForça fez pressão de conforto e Xilisbaba deixou-se escorregar encostando à parede as suas roupas, os seus sapatos, os seus cabelos e a sua alma

– calma só, comadre, o fogo é como o vento, grita muito mas tem voz pequenina.

o Prédio tinha sete andares e respirava como uma entidade viva

havia que saber os seus segredos, as características úteis ou desagradáveis das suas aragens, o funcionamento dos seus canos antigos, os degraus e as portas que não davam para lugar algum. vários bandidos haviam experimentado na pele as consequências desse maldito labirinto com passagens comunicantes de comportamentos autónomos, e mesmo os seus moradores procuravam respeitar cada canto, cada parede e cada vão de escadas

no 1.º andar, os canos rebentados e uma tremenda escuridão desencorajavam os distraídos e os intrusos

a água abundava, incessante, e servia a finalidades múltiplas, dali saía a água para o prédio todo, o negócio de venda por balde, lavagem de roupa e viaturas,

AvóKunjikise era das poucas a atravessar o alagado território sem molhar os pés nem nunca ter experimentado a tendência de escorregar

*– isto é um rio – dizia, sempre em umbundu – só faltam peixes e jacarés*

a velha chegou a Luanda dias depois da morte da verdadeira mãe de Xilisbaba e, não aguentando com a fome, irrompeu pela cerimónia fúnebre confessando entre lágrimas a urgência da sua necessidade, pediu desculpa pela sua atitude e, marcando o uso definitivo de um umbundu cerrado, olhou Xilisbaba no fundo dos olhos e falou

*– posso rezar pela morte de quem morreu. a minha voz chega até ao outro lado...*

Xilibaba, que já sabia ler a vida pelo seu lado mais verdadeiro, acolheu a velha com um copo de vinho tinto, cedeu o seu lugar, pediu que trouxessem um prato de comida com o melhor calulú do comba e teve o cuidado de prevenir que não servissem funji de mistura porque a senhora era como ela, precisava de fuba de milho para aguentar as loucuras e os ritmos de Luanda

– *a tua mãe está a rir* – a velha falou

– a minha mãe agora és tu – respondeu Xilibaba.

durante o funeral, e depois das dívidas contraídas para que a senhora tivesse os merecidos comes e bebes em sua honra, Odonato emagreceu para além dos limites regulares da penúria

Xilibaba notou que o marido se tornava mais silencioso, falava com os filhos, comentava assuntos banais com os vizinhos, procurava trabalho e ajustava as pilhas do rádio que não davam energia apesar dos banhos de sol

mas todos os seus gestos, o caminhar pela manhã, coçar a cabeça enquanto lia o jornal encontrado na rua, vestir-se ou espreguiçar-se, todos esses gestos já não produziam ruído algum

a mulher entendeu que, de certo modo, era o marido quem verdadeiramente estava de luto,

no seu olhar estava distante, Xilibaba viu-o ainda jovem e sonhador, atrevido com as mãos e a boca, no tempo em que a surpreendia no primeiro andar alagado, ela a subir com a fruta, ele a esmagar a fruta no corpo da mulher que ria devido à surpresa sabida de fim de tarde

Odonato movia apenas os dedos, os dedos da mão direita acariciavam o anel na mão esquerda, Xilisbaba viu Odonato retirar o anel do dedo e guardá-lo no bolso, o diâmetro do dedo já não segurava o matrimonioso anel

suspirou fundo

moléculas de oxigénio inundaram o seu coração, depois as veias e a cabeça, energias renovadas viajaram até às extremidades do seu corpo mas o fenómeno já se havia desencadeado

o oculto é como um poema – chega a qualquer momento.

os seus pés estavam habituados a percorrer muitos quilómetros por dia, eram pés antigos num corpo jovem

o VendedorDeConchas apreciava pisar a areia da PraiaDallha e o chão brilhante dos seus pesadelos noturnos, tinha casa na vizinha província do Bengo mas apaixonara-se desde cedo por Luanda, por causa do seu mar salgado

chamava o mar de «mar salgado»

e olhava-o todos os dias com a mesma paixão, como se apenas ontem o tivesse conhecido com a pele e a língua

mergulhava devagar – tocasse uma mulher –, provava o sal e revivia o espanto de sempre mergulhava o

tempo que os seus pulmões permitissem e o seu olhar aguentasse, conhecia as rochas e as canoas, os pescadores e as quitadeiras, tinha entranhado nas mãos o odor quente do peixe-seco que ajudava a arrumar e, sobretudo, conhecia as conchas

as conchas

crescera no Bengo, de rio em rio, de cacusso em cacusso, mas um dia encontrou o mar salgado com as canoas, as varas de ximbicar e as conchas

– mais-velho, ainda me faça uma dessas varas de ximbicar

– você nem tem canoa, nem vai no mar

– ... eu quero uma vara para ximbicar na terra mesmo: vou ximbicar a vida!

na PraiaDaIlha era tido como jovem esforçado e honesto

ajudava a carregar peixe, sempre com um sorriso de simpatia e inocente sedução, vendia e fazia entregas, enviava sal e dinheiro para os familiares no Bengo

os pés do VendedorDeConchas, ao longo dos anos, cristalizaram-se como o fundo externo das canoas da Ilha, cacos e pregos apenas geravam uma ligeira comichão, mas apesar disso usava os chinelos de couro oferecidos pelo primo

o fio de missangas ao pescoço

o saco de conchas às costas, os olhos semicerrados que não mostravam segredos

ouvira falar de MariaComForça, dedicada a tantas atividades financeiras, e pensara que talvez pudesse interessar-se pelas suas conchas

tinha-as de todas as cores e feitios, para uso prático ou simples adoração, em tantos formatos e preços que era impossível cruzar com este jovem sem cair na tentação de guardar uma concha para uso imediato ou futuro: às mulheres falava devagar para dar espaço à imaginação e necessidade de cada uma, aos fiscais de rua oferecia conchas de pendurar no cabelo para ofertarem às suas amantes, aos homens fazia sugestões concretas para uso no escritório ou nas viaturas, às mulheres dos embaixadores apresentava as conchas como objetos exóticos que mais ninguém se lembrava de oferecer no natal, aos fabricantes de candeeiros falava das vantagens das enormes conchas ocas e do efeito da luz sob aquele material marítimo, aos padres exemplificava a diferença que aquilo faria num altar, às velhas recomendava como recordação, às jovens como penduricalhos originais, às crianças como brinquedos de fazer inveja a outras crianças, às freiras vendia conchas juntas em formato de crucifixo, aos donos de restaurantes vendia-as como pratos de aperitivos ou cinzeiros, às costureiras salientava o potencial criativo do material e os seus tintilantes ruídos, às cabeleireiras fazia ver que as missangas já haviam passado de moda e, aos bandidos, o VendedorDeConchas desculpava-se rapidamente pelo fato de apenas transportar um saco cheio de coisas que não serviam para nada.

foi num semáforo vermelho que o VendedorDeConchas conheceu o Cego, fez deslizar o saco das costas para o chão e o Cego gostou do barulho das conchas

- você ouviu bem?
- não percebo
- você ouviu mesmo bem?
- escuto só normalmente. está a falar do barulho do saco? são conchas
- sei que são conchas. sou Cego mas conheço o barulho das coisas. não é isso...
- então é o quê?
- é que eu posso ouvir o barulho do sal dentro das conchas
- o VendedorDeConchas não soube o que dizer, o Cego não disse nada
- o sinal ficou verde mas nenhum deles se moveu.

Xilisbaba saiu do candongueiro com sacos de verduras, acompanhada da filha Amarelinha, os lábios do VendedorDeConchas ficaram sérios, não compreendia o olhar de Amarelinha que transpirava e equilibrava outros sacos

- o que foi então? – perguntou o Cego
- não sei – o VendedorDeConchas voltou a içar o saco

o barulho das conchas, ou do sal, chamou a atenção de Amarelinha

o seu corpo passou junto dos dois, mas só o Cego soube pensar quantos cheiros levava aquele corpo: manga madura, lágrimas noturnas, chá preto e chá de

raiz de mamoeiro macho, dinheiro sujo, omo para a roupa, sisal antigo, jornal, poeira de carpetes, mufete  
mãe e filha caminhavam rapidamente em direção ao prédio, entraram desviando as poças perto da caixa vazia do elevador, Amarelinha arregaçou um pouco o vestido e seguiu a mãe que conhecia as escadas melhor do que ela

cruzaram-se, no quarto andar, já muito ofegantes, com o vizinho Edú

– como é, Edú, estás melhor?

– melhor já não fico. pior também não tenho estado. vamos indo, dona Xilisbaba

– tá bem

– queria ajudar, mas nem tenho forças – ele abria as mãos enormes em jeito de desculpa

– não te preocupes. já só faltam dois andares

– as águas lá em baixo estão controladas?

– sim, tudo normal

Edú vivia permanentemente no quarto andar, e o trajeto mais longo que fazia era do interior do seu apartamento até ao corredor, para fumar e respirar o ar poluído de Luanda, caminhava com dificuldade e já fora visitado por especialistas internacionais interessadíssimos no seu caso

tinha uma gigantesca hérnia junto ao testículo esquerdo, aquilo que usa chamar-se mbumbi, que alterava de tamanho conforme as tendências climatéricas mas obedecendo também a fatores psicossomáticos, motivo pelo qual era visitado por variada gama de estudiosos, desde as áreas exatas às sociais, passando

também pelos metafísicos, os curandeiros e até alguns curiosos. segundo se dizia, não aceitara os convites de angolanos, suecos ou cubanos para fazer a operação porque ninguém lhe oferecera ainda uma quantia que pudesse cobrir-lhe o medo

– além do mais, já estou habituado assim: cada um é como cada qual...

Amarelinha olhava para o chão, esperando que a mãe retomasse o fôlego para continuar

– a sua filha está cada vez mais bonita – comentou Edú – um dia destes vai nos apresentar o namorado dela

Amarelinha ficou atrapalhada, sorriu por gentileza, subiram o resto das escadas em silêncio

no quinto andar vivia o CamaradaMudo, prestável e silencioso, excelente cozinheiro de grelhados devido ao seu modo secreto de preparar o carvão, sobretudo no caso de haver pouco carvão

do seu apartamento saía a música «muxima» cantada por WaldemarBastos e Xilisbaba voltou a lembrar-se do marido

o CamaradaMudo estava sentado à porta a descascar batatas e cebolas, dois sacos enormes, e Amarelinha espantou-se, uma vez mais, com a paciência daquele homem para executar a tarefa

todos sabiam que em matéria de descascar o CamaradaMudo era incansável e perfeccionista

– bom dia – murmurou

– bom dia – respondeu Xilisbaba

os vizinhos recorriam à sua afiada navalha militar por hábito, as quitadeiras do rés do chão, que vendiam pin-

chos e sandes de pão com chouriço para os apressados também apelavam aos seus serviços domésticos para preparar a batata frita em óleo cansado

chegaram ao sexto andar

Amarelinha largou os sacos à porta de casa e bateu duas vezes, devagar

AvóKunjikise veio abrir

um antigo regador metálico esperava Amarelinha no corredor e a fileira de vasos coloridos foi cuidadosamente regada. Amarelinha tinha os mesmos gestos precisos e delicados como se fosse neta de sangue da AvóKunjikise, e estas mesmas mãos, à tarde, ocupavam-se de fios e missangas para inventar colares, anéis e pulseiras à medida das meninas que inventavam motivos para os comprar

– vamos fazer um bom negócio, minha queriducha – dizia-lhe MariaComForça, a moradora do segundo andar – tu entras com a mão das obras, eu faço a venda direta aos clientes

sob o olhar atento do marido, Xilisbaba arrumava as coisas nos armários da cozinha, Odonato observava as pessoas atentando aos modos das suas mãos, gostava de ver a AvóKunjikise cozinhar devagar, fingia ler o jornal mas admirava a rapidez e a precisão dos gestos missangueiros da filha, ele mesmo havia sido habilitado com a madeira mas as ocupações dos tempos de funcionário público haviam desfeito parte dessa sua sensibilidade

– carimbar documentos... foi isso que matou os meus gestos redondos

Odonato observava as mãos e os alimentos: tudo oferecido ou encontrado nos restos do supermercado onde algum conhecido trabalhava

– agora comemos só aquilo que os outros já não querem – comentou

– é pecado deitar fora comida ainda boa

– é pecado não haver comida para todos – concluiu Odonato, saindo da cozinha e dirigindo-se à varanda

olhou a cidade, a azáfama caótica de carros, gente que circulava apressada, vendedores, motas chinesas, grandes jipes, um carteiro, o carro que passou com a sirene ligada e um Cego de mãos dadas a um jovem com um saco às costas

– preocupado? – Xilisbaba aproximou-se

– o Ciente não dá notícias, ninguém sabe dele

CienteDoGrã, filho mais velho de Odonato, passou a adolescência errando de bar em bar, foi sócio de uma afamada discoteca mas terminou como porteiro sempre atrasado, roubou agulhas numa farmácia chegando a costumeiro consumidor de heroína e, na sua tardia juventude, inserido num grupo rastahfari de Luanda, conseguiu ficar-se pela diamba e pelos pequenos furtos

desorientado por vocação, acordava cedo para ter mais tempo de não fazer nada, e alimentava a obsessão de vir a ter um jipe americano GrandCherokee, os amigos batizaram-no «Ciente do GrandCherokee» e rapidamente foi abreviado para CienteDoGrã

– podemos fazer alguma coisa?

– apenas esperar que ele não faça mais nada.